

**LINGUAGEM ORAL CULTA:  
UMA DAS CONSEQUÊNCIAS  
DE UM ALTO NÍVEL DE LETRAMENTO**

*José Mario Botelho* (UERJ e ABRAFIL)  
[botelho\\_mario@hotmail.com](mailto:botelho_mario@hotmail.com)

### **1. Introdução**

A partir da concepção de que oralidade e escrita são duas práticas sociais sobre serem modalidades de uma dada língua, somos da opinião que tais fenômenos se entrecruzam e se completam, e que a prática de uma se relaciona com a prática efetiva da outra.

Certamente, não se pode negar que cada uma apresenta características que as particularizam e que as tornam fenômenos distintos, mas não estanques. Ambas se utilizam de elementos do sistema de possibilidades linguísticas, que é a língua. Por isso, a evolução de uma se relaciona à evolução da outra, sendo ambas atividades comumente desenvolvidas em sociedades modernas.

Assim como Ong (1982), defendemos a ideia de que nas sociedades modernas, que se caracterizam como sociedades de oralidade secundária – aquela em que se desenvolve a prática da escrita –, todos os usuários da língua materna praticam ambas as modalidades nas suas variadas formas. Elementos de uma modalidade podem ser encontrados nas produções da outra, uma vez que em todas as produções linguísticas se observam as influências que uma exerce sobre a outra nos mais variados níveis de conhecimento da língua e seu desenvolvimento.

Os estudos feitos por Kato (1987) e por Terzi (1995) constituem o nosso ponto de partida. Observamos, porém, que, diferentemente dos esquemas propostos por elas, dá-se uma relação cíclica entre a fala pós-letramento e a escrita pós-letramento, considerando que esta exerce influência sobre aquela e vice-versa. Tal fato torna seus produtos efetivamente semelhantes (BOTELHO, 2012, p. 51-74) nos diversos estágios do uso da língua.

Podemos, pois, observar efeitos do letramento na fala do usuário proficiente, já que constatamos que, num primeiro momento, a oralidade influencia a escrita e, mais tarde, sofre influências desta.

Daí, concluímos que, num alto grau de influências mútuas ou num estágio avançado do ciclo de simulações contínuas, dá-se uma linguagem oral culta.

Logo, este artigo objetiva apresentar aspectos linguísticos que particulariza a modalidade escrita da língua, mas que foram encontrados em produções da modalidade oral em diferentes níveis do conhecimento de 20 (vinte) informantes, e comprovar as influências da linguagem escrita sobre a linguagem oral na formação de uma oralidade culta.

## **2. *Assertões fundamentais***

Partimos do pressuposto de que “todos os membros normais das sociedades de oralidade secundária apresentam um determinado grau de letramento”, porquanto o desenvolvimento da linguagem oral se dá paralelamente à prática da escrita.

Começemos por afirmar que “a oralidade e a escrita são duas práticas sociais e não apenas as modalidades linguísticas à disposição dos usuários de uma dada língua” (Cf. KLEIMAN, 1995; MARCUSCHI, 2001; BOTELHO, *op. cit.*). Todos os membros de uma dada comunidade de fala, portanto, praticam, nas suas variadas formas, tanto a oralidade quanto a escrita em suas comunicações de forma espontânea e conveniente.

Convém ressaltar que muitas são as formas de prática da escrita, que não se limita ao uso individual de instrumentos utilizados na elaboração de textos escritos. Também praticam a escrita os analfabetos e os maus frequentadores de instituições escolares. A utilização de aspectos particularizantes da linguagem escrita nas suas diversas comunicações orais por parte do falante é uma das formas de prática da escrita.

Como práticas sociais, “oralidade e escrita se entrecruzam e se completam”, apesar de apresentarem suas características particulares. Logo, é de se esperar que “se efetivem influências de uma sobre a outra”.

E o fato de uma influenciar a outra nos diferentes estágios de desenvolvimento da língua materna por parte de cada usuário faz com que os produtos das duas modalidades se assemelhem bastante; e ainda que se sobressaiam particularidades de cada uma delas numa determinada produção textual – o que a identificaria como tal –, uma isomorfia entre elas pode ser constatada.

Assim, um texto escrito por um aluno do 6º ano do Colégio Pedro II, que inicia os estudos formais de técnicas de redação, apresenta-se com inúmeras marcas da linguagem oral, embora se caracterize como um texto escrito. A sua concepção é escrita e o meio utilizado é da escrita, mas o conhecimento do padrão coloquial da oralidade sobrepõe o conhecimento do padrão culto da escrita, que apenas se inicia.

Mais tarde, com o desenvolvimento e aprimoramento das técnicas de redação e a prática contínua da escrita, um texto escrito por esse mesmo informante, já no último ano do ensino médio, não mais apresenta tantas marcas da oralidade; nesse momento, constatam-se, pois, marcas da escrita na sua fala espontânea. A concepção da produção, nesse caso, é oral e o meio utilizado é o da oralidade, mas o conhecimento do padrão culto (comum à escrita) sobrepõe ao conhecimento do padrão coloquial da fala.

Logo, “estabelecem-se semelhanças entre a oralidade e a escrita de um determinado usuário, conforme o seu estágio de conhecimento e prática da língua”, até que “se efetive um ciclo de simulações mútuas e contínuas”.

### 3. *Asserções complementares*

Convém ressaltar que “oralidade e escrita não são a mesma coisa”; constituem naturezas distintas (BOTELHO, *ibidem*, p. 75-91), principalmente se considerarmos o processo de produção discursiva de cada uma delas. Daí, acertadamente terem afirmado, há pouco tempo, alguns teóricos que a linguagem escrita não constitui propriamente uma representação gráfica da linguagem oral, como afirmaram outros no passado (cf. BLOOMFIELD, 1933; CÂMARA JR., 1971; e GIVON, 1979).

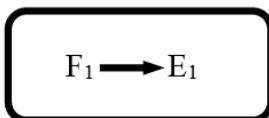
Decerto, uma análise de natureza epistemológica revela constituírem essas duas práticas linguísticas fenômenos característicos, em virtude de suas particularidades, porém semelhantes, se analisadas sob a noção de um *continuum* tipológico (MARCUSCHI, *op. cit.* e BOTELHO, 2004 e 2012). De um lado do contínuo, o protótipo da oralidade: “o bate-papo ou conversa informal”; do outro, o protótipo da escrita: “o texto acadêmico”. Entre os protótipos, as diferentes produções, dispostas por grau de afastamento dos respectivos protótipos, sendo “a conferência” a mais afastada na oralidade e “o bilhete”, a mais afastada na escrita (cf. MARCUSCHI, *op. cit.*, p. 41 e BOTELHO, 2012, p. 49).

Percebem-se, portanto, as semelhanças entre os fenômenos oral e escrito a partir desse *continuum* tipológico, proposto por Marcuschi.

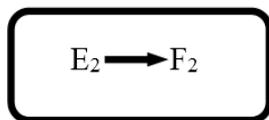
#### 4. *Ciclo de influências mútuas de uma modalidade sobre a outra*

Primeiramente, podemos destacar uma tênue isomorfia entre as duas modalidades da língua logo após o início da prática de redação escolar, que se dá no 6º ano do ensino fundamental no Colégio Pedro II, do qual os informantes são alunos.

Nesse momento, as produções escritas desses informantes apresentam diversas marcas da oralidade, já que aplicam nelas espontaneamente o conhecimento que têm da linguagem oral. Seu grau de letramento é baixo e a sua prática escrita ainda é incipiente. A linguagem oral ( $F_1$  – fala pré-letramento) exerce total influência sobre a linguagem escrita ( $E_1$  – escrita pré-letramento), cujo estágio pode ser representado da seguinte forma:



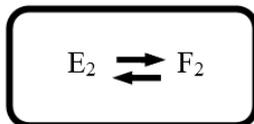
Mais tarde, quando a sua prática da escrita se solidifica e o seu letramento já é razoável, é a linguagem escrita ( $E_2$  – escrita pós-letramento) que influencia a sua linguagem oral ( $F_2$  – fala pós-letramento), cujo estágio se pode representar da seguinte forma:



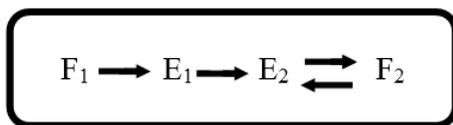
Como se pode perceber essas influências constituem um ciclo: a fala, anterior ao letramento, exerce influências sobre a escrita, dando início ao que vimos chamando de isomorfia parcial; a fala, posterior ao letramento, sofre influência da escrita, o que faz o falante executá-la conforme o que sabe da escrita.

Essa isomorfia é mais acentuada em textos (orais e escritos) de indivíduos que mantêm um contato constante com a escrita e a oralidade,

constituindo um ciclo de simulações contínuas e mútuas, cujo estágio se pode representa da seguinte forma:



Numa leitura da proposta traçada por Kato (*Op. cit.*), estabelecemos, no ciclo de simulações contínuas, um ciclo contínuo das direções de simulações entre E<sub>2</sub> e F<sub>2</sub> (cf. BOTELHO, 2012, p. 55). Isto é, um ciclo constante de influências mútuas, que pode ser representado da seguinte forma:



Trata-se de um estágio em que ocorre o alto grau de influências mútuas. Isto é, ocorre um estágio avançado do ciclo de simulações contínuas, no qual se estabelece um alto grau de letramento, a partir do qual se pode perceber a efetivação de uma linguagem oral culta.

É nesse estágio que muitos aspectos gramaticais da norma considerada padrão ou culta se efetivam de maneira espontânea nas diversas comunicações linguísticas dos usuários proficientes de uma língua materna. Contudo, estamos certos de que tal oralidade culta não constitui propriamente a norma padrão (ou culta) da língua, que se refere a um uso específico da linguagem escrita: escrita de nível formal (ou semiformal).

### **5. Marcas da linguagem escrita na oralidade**

Como vimos, estabelece-se uma série de influências mútuas entre oralidade e escrita desde o primeiro momento, em que os nossos informantes entraram em contato com uma escrita estereotipada.

Num primeiro momento, a escrita (E<sub>1</sub>) se assemelha à fala (F<sub>1</sub>), uma vez que praticamente a reproduz. Muitas foram as marcas da oralidade encontradas nas produções escritas dos informantes nesse primeiro estágio.

Mais tarde, aquela escrita convencionada, já socializada (E<sub>2</sub>), que difere substancialmente daquela utilizada até então, influencia a fala (F<sub>2</sub>), que procura nesse momento reproduzir a escrita, num ciclo contínuo de simulações mútuas.

Tomemos como elementos de análise, os seguintes aspectos comumente encontrados nas produções escritas de usuários proficientes de uma dada língua materna, posto que são elementos característicos da escrita, que é considerada fundamentalmente o padrão culto da língua:

- ✓ uso de conectivos subordinativos e coordenativos;
- ✓ uso de pronome relativo;
- ✓ períodos mais longos, limitados pelo pensamento lógico;
- ✓ estruturas com verbo na voz passiva;
- ✓ nominalizações; e
- ✓ uso de elipse de termos.

### 5.1. Apresentação e análise dos resultados

Convém esclarecer que o *corpus* que serviu de objeto de análise neste artigo foi extraído de Botelho (2012, p. 108-154), referente a 40 (quarenta) textos orais, sendo 20 (vinte) produzidos por alunos do ensino fundamental (10 (dez) no 6º ano e 10 (dez) no 9º ano) e 20 (vinte), por alunos do ensino médio (10 (dez) na 1ª série e 10 (dez) na 3ª série.

#### 5.1.1. *Uso de conectivos subordinativos e coordenativos, na elaboração de frases*

- (01) “eu fiquei muito abalada quando elas falaram qui: a academia ia sê vendida’ (+)”
- (02) “foi a morti du meu avô (qu’era uma pessoa) super(++ companhêra’ imbora eu nu:: tenh/eu num sintu–eu num necessiti di–um ôtru pai’(+)”

Além desses dois exemplos (ambos da primeira fase de cada nível escolar: 6º ano e 1ª série, respectivamente), foram encontrados muitos outros. Porém, todos se apresentam com problemas; não são períodos bem estruturados.

Nos textos da segunda fase, a incidência de estruturas com conectivos é um pouco maior, mas essas estruturas também se apresentam com problemas. Na verdade, é flagrante o uso de marcadores discursivos (principalmente o marcador “aí”), como elementos de ligação entre as unidades de entonação.

### *5.1.2. Uso de pronome relativo*

- (03) “(++) lá eu mi sintu bem tem us meus amigus i us meus primus qui eu gustu muitu,”
- (04) “É: primêru eu tava na casa dus meus avós que tinham viajadu: pra Portugal (++)”

Além dessas estruturas (ambas da segunda fase: 9º ano e 3ª série), muitas outras foram encontradas, inclusive nos textos da primeira fase.

Convém ressaltar que, além do relativo “que” e o relativo “onde”, o qual foi usado cinco vezes, nenhum outro relativo foi encontrado, e que em nenhuma vez a preposição exigida pelo verbo da oração subordinada adjetiva foi utilizada.

### *5.1.3. Períodos mais longos, limitados pelo pensamento lógico*

- (05) “aí—eu aí eu abandonei a prancha i fui caí di peitu, (++) aí(+) aí eu furei uma—duas—três—cheguei lá na arrebentaçãu—aí’ aí—eu vi qui tava grandi mesmu, nãu ia dá pra—eu pegá onda di peitu, (++)”
- (06) “quando—a genti viu’ a—genti achô u Máximu/um professor qui entra na sala’ dizendu quê:: eli preferia nãu dá aula e sim insinar comu—nós (incomprensível) si faz arroz, a genti achô u Máximu—porque nenhum professô entrava na sala dizendu qui nãu queria dá aula, (++)”

Pode-se perceber nos exemplos acima, a incidência flagrante do uso do marcador discursivo “aí” e das pausas, apesar de as estruturas frasais terem sido limitadas pelo pensamento lógico e não simplesmente pela entonação.

*5.1.4. Estruturas com verbo na voz passiva*

- (07) “eu não por que eu nunca tinha sidu: (++) infaixada antis (...)
- (08) “ê ê poderia sê operada naqueli momentu (++)”
- (09) “porqui–minha sala tava toda apagada, (++)”
- (10) “i:: eu quebrei a perna direita’ (+) fui levada pro–hospital’ (++)”
- (11) “depois qui eli morreu i foi enterradu’ u qu-eu mais sofria (...)”

Além desses cinco exemplos, foram encontrados mais alguns casos desse tipo de estrutura (com verbo auxiliar). Não foi encontrada nenhuma estrutura com o pronome apassivador. Como as ocorrências foram em número semelhante nas duas modalidades, concluí serem comuns a ambas.

*5.1.5. Nominalizações*

- (12) “QUÊ a mi/elis tinham pedido pra genti podê:: ficá dand’uma oLHAda na casa delis (...)”
- (13) “lembriu di tudu qui (++) eu passei lá di todas as apresentaçõis qu’eu fiz’
- (14) “(...) mudei meu comportamentu cum muitas pessoas (...)”

Além desses três exemplos, que foram os únicos encontrados nos dez textos orais da primeira fase dos informantes do ensino fundamental, relacionei mais dois em textos orais da segunda fase desse mesmo nível e sete em textos da primeira fase e oito em textos da segunda fase dos informantes do ensino médio.

O que me faz crer que o uso de nominalização é uma característica da linguagem escrita de usuários com um grau de letramento mais elevado.

*5.1.6. Uso de elipse de termos*

- (15) “aí depois busquei’ fiquei u dia todú im casa i ninguém, encontrava cum todus meus amigu/sabi” (+)”

- (16) “((riso irônico)) mi–arrumei’ (+) fui–pra casa di uma amiga minha qui mora lá pertu, aí fiquei lá cu–ela–conversei cum ela–falei (...)”

Foram encontrados, ainda, exemplos de omissão de outros termos: verbo, complemento, predicado e até de adjuntos. Muitas dessas omissões constituem uma falta de domínio da língua, pois não servem à coesão conveniente e nem caracterizam um estilo próprio.

Caracterizam apenas “falhas” em relação à norma culta e prejudicam muitas vezes a clareza da estrutura frasal. Aliás, nesse estágio, o uso de elipse como elemento de coesão referencial é praticamente nulo; até mesmo os pronomes em função de sujeito marcam presença, reforçando a pessoa e o número da flexão verbal.

## **6. Considerações finais**

Certamente, as linguagens oral e escrita possuem particularidades, porém são modalidades discursivas de um mesmo sistema linguístico, de modo que podemos admitir que há mais semelhanças entre a modalidade oral e escrita do que diferenças.

Não se privilegiou a norma culta, e, por conseguinte, não foi tratada a questão do certo e do errado. Naturalmente, esta norma culta foi considerada, pois serviu de modelo de descrição e análise do material utilizado (gravações espontâneas).

Para entendermos as semelhanças entre oralidade e escrita, consideramos que o fenômeno de influências mútuas se dá nas duas direções (entre  $E_2$  e  $F_2$ ), o qual denominamos como ciclo de simulações contínuas e mútuas.

Portanto, corroboramos a teoria de Brown (1981), quando afirma que, neste estágio, é a oralidade que procura simular a escrita, o que não se verifica nos textos dos alunos do ensino fundamental, os quais se identificam mais com a linguagem oral, mas que já se verifica nos dos alunos do ensino médio.

O usuário normal adquire inconscientemente o domínio oral e escrito, desenvolvendo em seu uso linguístico especificidades da língua escrita e oral de bom nível, e se torna um falante culto. A língua se funda nos seus usos, já que falar e escrever bem não equivalem a ser obediente às regras da língua, mas sim ser capaz de usá-la adequadamente para produzir o efeito de sentido pretendido numa dada situação de uso.

Dessa forma, podemos dizer que um indivíduo que domina bem a escrita terá esta característica refletida em sua fala, do mesmo modo que um falante com um relativo grau de letramento apresentará uma fala gramaticalmente correta e semelhante à escrita.

Contudo, não se deve crer numa fala-padrão, como afirma Kato (*Op. cit.*), corroborando Brown (*Op. cit.*), nem numa simples tecnologia da fala, como o quer Ong (*Op. cit.*). O resultado do desenvolvimento das influências mútuas das modalidades escrita e oral, que é por si só ilimitado, é muito mais complexo do que se imagina.

Podemos, ainda, ressaltar que esta oralidade culta é uma interação social, ou seja, tem um uso linguístico tanto em um meio culto quanto popular, num ponto de vista formal e coloquial. A oralidade culta não está presa a cânones gramaticais; tal modalidade linguística se caracteriza em um uso da linguagem que se adapta à situação de interação.

Provavelmente, ocorre no inconsciente de um indivíduo com um alto grau de letramento um tipo de simbiose entre E<sub>2</sub> e F<sub>2</sub>. Assim, o grau de letramento desse falante/escritor, que é normalmente proficiente, é relativamente alto, pois se tratam de modalidades pertencentes à fase de pós-letramento.

Nesse estágio, o fenômeno das influências se dá nas duas direções das modalidades oral e escrita, constituindo um ciclo contínuo de simulações mútuas. Esse ciclo é observado a partir do momento em que o uso da norma culta nas práticas discursivas ocorre de forma natural e inconsciente para o indivíduo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. A Correção idiomática e o conceito de exemplaridade. In: AZEREDO, José C. (Org.). *Língua em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 11-8.

BOTELHO, José Mário. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Judiai: Paco, 2012.

\_\_\_\_\_. A natureza das modalidades oral e escrita. *Filologia, linguística e ensino*. Vol. IX, n. 03, tomo 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2005, p. 30-42.

\_\_\_\_\_. Entre a oralidade e a escrita: um contínuo tipológico. *Produção e edição de textos*. Vol. VIII, n. 7. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2004, p. 57-69.

\_\_\_\_\_. O isomorfismo entre as modalidades da língua. In: *Discurso e língua falada*. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2003, p. 157-77.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, 1933.

BROWN, Gillian. Teaching the spoken language. In: Association Internationale de Linguistic Appliquée. Brussel, Proceedings II: Lecture, 1981, p. 166-82.

CÂMARA Jr., J. M. *Manual de expressão oral e escrita*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CHAFE, Wallace; DANIELEWICZ, Jane. Properties of speaking and written language. In: HOROWITZ, Rosalind; SAMUELS, S. Jay (Eds.). *Comprehending Oral and Written Language*. New York: Academic Press, 1987, p. 83-113.

FÁVERO, Leonor Lopes et alii. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GIVÓN, T. (Ed.). *Discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Interferência da oralidade na aquisição da escrita. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 30, Campinas: UNICAMP, 1997, p. 31-8.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

ONG, Walter J. *Orality and literacy: The technologizing of the word*. London: Methuen, 1982.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TERZI, S. B. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.